

MOTOSERRAS E MÁQUINAS NO MARANHÃO PRÉ-AMAZÔNICO: A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E OS TRABALHADORES DO CORTE DO EUCALIPTO

CHAINSAWS AND MACHINES IN THE PRE-AMAZONIAN MARANHÃO: THE PRODUCTIVE RESTRUCTURING AND THE WORKERS OF THE CUT OF THE EUCALYPTUS

MOTOSIERRAS Y MÁQUINAS EN MARANHÃO PRE-AMAZÓNICO: LA REESTRUCTURACIÓN PRODUCTIVA Y LOS TRABAJADORES DEL CORTE DEL EUCALIPTO

Jesus Marmanillo PEREIRA¹

Adriano da COSTA CARVALHO²

RESUMO: Tendo como pano de fundo a reestruturação produtiva ocorrida na produção de eucalipto, o presente artigo visa discorrer sobre o processo de captura da subjetividade dos trabalhadores envolvidos na atividade de colheita desse vegetal no sudoeste maranhense. Para tanto, são apresentadas as estratégias de reprodução adotadas pelas principais empresas do ramo de plantio e corte de eucalipto e duas composições sociais de trabalhadores a partir das quais são analisadas algumas trajetórias e as formas como aconteceram a formação e os engajamentos pessoais no trabalho de colheita de eucalipto. Enfim, a partir do referido recorte, este texto problematiza o processo de captura como algo que extrapola o espaço da operacionalização das máquinas e se manifesta nas relações presentes em outros domínios sociais.

PALAVRAS-CHAVE: eucalipto, reestruturação produtiva, valores-fetiches, captura da subjetividade.

RESUMEN: Teniendo como fondo la reestructuración productiva ocurrida en la producción de eucalipto, el presente artículo apunta a discurrir sobre el proceso de captura de la subjetividad de los trabajadores involucrados en la actividad de cosecha de ese vegetal en el Sudoeste maranhense. Para ello se presentarán las estrategias de reproducción adoptadas por las principales empresas del ramo de plantación y corte de eucalipto y dos composiciones sociales de trabajadores a partir de las cuales se analizan algunas trayectorias y las formas como ocurrieron la formación y los compromisos personales en el trabajo de cosecha de eucalipto. En fin, a partir de dicho recorte, este texto problematiza el proceso de "captura" como algo que extrapola el espacio de la operacionalización de las máquinas y se manifiesta en las relaciones presentes en otros ámbitos sociales.

PALABRAS CLAVE: eucalipto, reestructuración productiva, valores fetiches, captura de la subjetividad.

INTRODUÇÃO

Como salienta Alves (2010), a manipulação da subjetividade é uma das dimensões diretamente ligada aos mecanismos de controle sobre o trabalhador por meio dos dispositivos ideológico-organizacionais do capital. Nessa perspectiva, o presente artigo

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Imperatriz, Imperatriz, Maranhão, Brasil. E-mail: jesusmarmanillo@hotmail.com

² Sociólogo pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, Imperatriz, Maranhão, Brasil. E-mail: adricarvalho296@gmail.com

visa discorrer sobre esse processo de captura da subjetividade dos trabalhadores envolvidos na atividade de corte de eucalipto, no Sudoeste maranhense, especificamente nas cidades de Imperatriz e Açailândia.

Por concordarmos com esse autor, tentamos demonstrar que o processo de precarização do trabalho no capitalismo atinge também as dimensões subjetivas, ou seja, além das diversas formas organizacionais relacionadas à reestruturação produtiva, há também a constituição de um nexos psicofísico que direciona o pensamento de operários e empregados de acordo com a racionalização da produção.

Para tanto, buscamos compreender as formas de engajamento individual dos trabalhadores a partir de duas composições sociais específicas. A compreensão de características, tais como processo de formação profissional, composição familiar, nível de experiência e outras vinculadas às trajetórias individuais, foi a base para buscarmos entender a produção da dimensão afetiva que favorece os engajamentos dos trabalhadores em nome da empresa.

Tendo como pano de fundo o processo de reestruturação produtiva na produção de eucalipto, a reflexão sobre essa temática seguiu as orientações de Alves (2011), Antunes (2011), Alves e Antunes (2004), Castel (1998), Assis e Carneiro (2015) e outros pesquisadores cujos estudos aportam importantes contribuições para o tema, incluindo discussões a respeito dos processos de mutações no trabalho, da precarização e da desintegração dos laços sociais e das formas de trabalho ocorridas na região pré-amazônica, também conhecida como Amazônia Oriental. Com base nessa bibliografia, analisamos um conjunto de fontes composto por entrevistas, com uma amostra de dez entrevistados, e documentos como fotografias e anúncios de empresas de treinamento de operadores.

Seguindo esse raciocínio, nosso argumento será desenvolvido ao longo de três tópicos que objetivam: 1) situar o corte de eucalipto em relação à cadeia produtiva gerada com o Programa Grande Carajás; 2) apresentar as principais empresas que realizam o corte de eucalipto e demonstrar como elas reestruturam suas atividades produtivas; 3) apresentar as duas composições sociais de trabalhadores que são capturados por processos sociometabólicos, incorporando e reproduzindo determinados valores-fetiches.

1 . DA MINA DE FERRO AO PAPEL: O EUCALIPTO NA CADEIA PRODUTIVA

A história da produção e corte de eucalipto no Sudoeste maranhense está diretamente relacionada à implementação do Programa Grande Carajás (PGC), lançado em 1982 pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) que desenvolvia a extração de minério de ferro, bauxita (alumínio) e manganês na região. O desenvolvimento desse programa não pode ser pensado separado das construções da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, em 1982, no estado do Pará; e da estrada de ferro Carajás, que em 1985 iniciou as operações de transporte dos minerais de Carajás (PA) para o Porto da Madeira em São

Luís (MA). Na cidade de São Luís, em 1985, o efeito dessa cadeia foi materializado com o Consórcio de Alumínio do Maranhão (Alumar) que, desde daquela época, transforma bauxita em alumínio.³

Nos anos seguintes, a cadeia produtiva do aço também se estabeleceu na cidade de Açailândia, mais especificamente em 1988, quando foram implantadas a Viena Siderúrgica e a Cia. Vale do Pindaré. Nos anos de 1991, 1993 e 1997 entraram em operação, respectivamente, a siderúrgica do Maranhão (Simasa), a Gusa Nordeste e a Ferro Gusa do Maranhão (Fergumar). Em uma observação mais abrangente, Assis e Carneiro (2015) notam que, na região do PGC, há um total de 18 usinas de ferro gusa, das quais 10 concentram-se em Marabá (PA) e 5 em Açailândia (MA). As demais encontram-se em Bacabeira (MA), Pindaré-Mirim (MA) e Barcarena (PA). Tais empresas estão também relacionadas a grupos econômicos, caracterizados por atuarem em outras fases da cadeia. Sobre isso, Evangelista (2008) explica que a Cia. Vale do Pindaré e a Simasa foram compradas pelo grupo Queiroz Galvão nos anos de 1996 e 1994. Esse grupo também implementou a empresa Energia Verde que atua na colheita de eucalipto. Sobre esse processo de incorporação, Carneiro (2015) explica que o grupo Queiroz Galvão possui, além das companhias já citadas, a Cia. Siderúrgica do Maranhão (localizada na cidade de Santa Inês). Já a empresa a Gusa Nordeste S/A pertence ao grupo Ferroeste; a Fergumar, ao grupo Artepa; e a Viena Siderúrgica, ao grupo Valadares.

Como tais usinas utilizam o carvão vegetal como insumo energético, a sua implementação significou um forte estímulo para o surgimento de uma produção de carvão na região, que se manifestou com o cadastramento⁴ de muitas carvoarias. Como exemplo, podemos citar as seguintes: São Geraldo Ltda (em 1992), Bom Jesus (em 1992), Boa Esperança (em 1995), Santa Edwiges (em 1995), Alencar (em 2000), Silva (em 2002), Veralucia (em 2002), Ferreira (em 13/10/2003), Wemerson (em 2005), Novo tempo (em 2006) e Nordeste (em 2008), entre outras.

É justamente na próxima etapa da cadeia produtiva que emerge a importância do eucalipto e a necessidade de empresas especializadas nesse ramo. Isso porque o principal insumo para a produção de carvão é a madeira, que inicialmente era obtida com a devastação das florestas nativas ou com resíduos provenientes das serrarias, mas que, durante a década de 1990, passou a ser efetivada a partir dos plantios florestais e reflorestamentos. “Esse movimento é mais forte no estado do Maranhão, cujas empresas Viena Siderúrgica, Margusa, Gusa Nordeste e o grupo Queiroz Galvão [...] vêm aumentando sua área plantada” (ASSIS; CARNEIRO, 2015, p. 79).

Além disso, a produção de eucalipto no Sudoeste maranhense também está associada à produção de celulose da empresa Suzano Papel e Celulose. Nesse sentido,

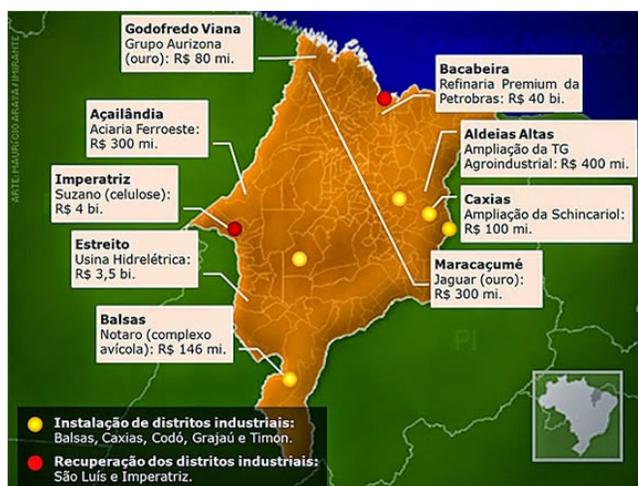
³ Segundo Evangelista (2008), a implantação da siderurgia em Açailândia está relacionada com uma perspectiva de descentralização da produção industrial brasileira, amparada no II Plano Siderúrgico Nacional.

⁴ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ)

convém destacar que, segundo o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA, 2010), essa empresa realizava experimentos e pesquisas sobre a adaptabilidade do eucalipto na região desde 1983, demonstrando um interesse antigo nesse tipo de produção no local. O relatório aponta ainda que, em 1992, a implantação da unidade industrial dessa empresa na cidade de Imperatriz, MA, foi beneficiada pela instalação do Projeto Celmar (Celulose do Maranhão/SA), que significou um gigantesco investimento no plantio de eucalipto.

Atrrelada à cadeia produtiva do aço e à fabricação de celulose, a produção de eucalipto está diretamente ligada aos polos industriais de Açailândia e de Imperatriz, integrando-se a uma lógica mais ampla de criação de infraestrutura e descentralização da produção industrial brasileira, amparada no II Plano Siderúrgico Nacional e na intervenção estatal, no sentido de atrair capitais para a região e fornecer todas as condições de implementação de indústrias.

Mapa 1- Investimentos e cadeia produtiva no Sudoeste Maranhense



Fonte: Maurício Araya/Imirante (2010)⁵

Essa relação entre o eucalipto, a cadeia produtiva do aço e os investimentos estatais pode ser melhor percebida por meio do Mapa 1, no qual é possível visualizar relações entre Açailândia e Imperatriz, constituintes do ciclo do aço; e entre Imperatriz e Estreito, relacionadas ao fornecimento de infraestrutura para a recuperação do distrito industrial de Imperatriz e, conseqüentemente, para a atração de novos investimentos⁶.

⁵ Disponível no [site http://imirante.com/maranhao/noticias/2010/01/20/investimentos-no-interior-somam-r-12-bilhoes.shtml](http://imirante.com/maranhao/noticias/2010/01/20/investimentos-no-interior-somam-r-12-bilhoes.shtml)

⁶ Um exemplo dessa atração foi à instalação da indústria Peróxido do Brasil LTDA no ano de 2017. É importante ressaltar que tal indústria é especializada em insumos químicos utilizados no branqueamento da pasta de celulose, ou seja, possui uma relação direta com a Suzano Papel e Celulose.

Embora haja uma distância temporal entre o PGC e a produção e o corte de eucalipto, ambos constituem uma cadeia que será detalhada, mais adiante, com a explicação a respeito das empresas que realizam o corte do eucalipto na região Sudoeste do Maranhão. Veremos as principais características dessas atividades empresariais e como desenvolvem estratégias de reprodução e de utilização da força de trabalho.

1 . REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E FORMAÇÃO DOS QUADROS: TERCEIRIZAÇÃO E DESTERCEIRIZAÇÃO

No âmbito das atividades de produção de carvão e de celulose, as principais indústrias que demandam essa matéria-prima são: as carvoarias, em especial a Energia Verde⁷; e a Suzano Papel Celulose. Neste tópico, discorreremos sobre essas empresas, destacando os processos de terceirização e desterceirização ou primarização (OLIVEIRA, DIAS, 2012) ocorridos na produção de eucalipto e as mudanças nas formas de organização do trabalho e utilização de tecnologia.

Se no processo inicial de extração de madeira, o trabalhador (conhecido como motoqueiro) era considerado figura principal que se deslocava de motocicleta pelas florestas nativas, realizando o corte de forma semimanual com a utilização da motosserra e recebendo o pagamento do trabalho de acordo com a produção; em meados de 2013, essa realidade foi alterada. Nesse ano, as empresas Energia Verde e Suzano Papel e Celulose terceirizaram as atividades de plantio e corte de eucalipto para os grupos JR Serviços Florestais⁸, Emflora e Sollum Empreendimentos Florestais, entre outros, que, gradativamente, foram mecanizando essas atividades. Desse conjunto, nos deteremos à terceirizada JR Serviços Florestais e às contratantes Energia Verde e Suzano Papel e Celulose.

Embora tenha iniciado suas atividades em Açailândia em 2000, a JR Serviços Florestais já era conhecida no estado do Pará como R & R Serviços Florestais LTDA – onde está localizada na cidade de Monte Dourado – e se notabilizou em várias regiões desse estado principalmente por prestar serviços para o Grupo Jari⁹, um importante representante no segmento florestal e de papel celulose na Região Amazônica.

Quando a JR Serviços Florestais se instalou no Maranhão, teve dificuldades na formação do capital humano especializado e utilizou as atividades braçais para realizar o corte e o desgalho das árvores, feitos com motosserras e machados. Para produzir seu ca-

⁷ A empresa Energia Verde foi implementada nessa cidade em 2007, pelo grupo Queiroz Galvão, para suprir a demanda de carvão vegetal utilizado na siderúrgica Cia. Vale do Pindaré S/A e na Siderúrgica do Maranhão (Simasa), pertencentes ao próprio grupo. Nesse sentido, a Energia Verde faz parte de um processo de concentração de atividades desenvolvidas pelo grupo Queiroz Galvão.

⁸ Em 2000, para acelerar a produção da colheita dos eucaliptos, a CVRD (atual Vale), contratou a empresa JR Serviços Florestais para atuar na colheita das florestas do projeto Celmar, desenvolvido em Açailândia e região.

⁹ Segundo Malina (2013), essa empresa chegou a adquirir 1,5 milhões de hectares contíguos ao longo do rio Jari, passando a produzir *gmelina arbórea* e *pinus* (nomes científicos do eucalipto) para a utilização em serrarias, fábricas de compensados, chapas, celulose e papel. Esse projeto se destacou por possuir um dos maiores latifúndios de estrangeiros no Brasil.

pital humano, ela contratou trabalhadores experientes com máquinas e os utilizava para treinar o restante dos trabalhadores braçais. À medida que o trabalhador braçal se tornava um operador, criava-se um tipo de motivação nos demais, que também passavam a desejar essa promoção. Em 2006, mudou a razão social da empresa de R&R para JR Serviço Florestais. Com isso, a organização passou a prestar serviços de plantio e colheita para a Energia Verde e a Suzano, empresas que concentram as maiores extensões de plantações de eucalipto nas cidades de Imperatriz, Açailândia e Bom Jesus das Selvas (MA).

No caso da empresa Energia Verde, é importante salientar que ela integra o grupo Queiroz Galvão e foi implementada em Açailândia no ano de 2007 com o objetivo de suprir a demanda de carvão vegetal para ser utilizado na siderúrgica Cia. Vale do Pindaré S/A e na siderúrgica do Maranhão (Simasa)¹⁰. Inicialmente, a Energia Verde teve suas atividades com eucalipto terceirizadas e repassadas para a empresa JR Serviços Florestais, contudo os gestores e coordenadores do setor florestal optaram por finalizar o contrato com a JR Serviços Florestai, incorporando, conseqüentemente, a atividade de corte de eucalipto.

A estratégia para suprir a necessidade dos serviços da empresa terceirizada efetivou-se por meio de um contrato com outra empresa chamada Escava Forte que fornecia máquinas de corte, que representavam a tecnologia de ponta no setor. Os operadores dessas máquinas foram buscados na própria JR Serviços Florestais, cujo contexto de fragilização pela quebra do contrato possibilitou que os trabalhadores terceirizados pasassem, facilmente, a aceitar as propostas diretas de contratação pela Energia Verde.

Enfim, a JR Serviços Florestais participou dessa cadeia produtiva, inserindo-se como empresa terceirizada junto a outras focadas na produção de eucalipto. Já a Energia Verde adotou uma estratégia diferenciada de inserção, marcada pelo processo de desterceirização, também conhecido como primarização. Assim, por um lado, se a empresa incorpora uma função que era delegada a outra; por outro, sinaliza um processo de concentração das atividades que parece característico do próprio grupo Queiroz Galvão, que já era possuidor da Cia. Vale do Pindaré e da siderúrgica do Maranhão (Simasa). Sobre o processo de primarização (ou desterceirização), Oliveira e Dias (2012) explicam:

A ‘desterceirização’ é um campo de análises ainda pouco explorado pelos pesquisadores brasileiros e, embora ela não seja uma prática tão abrangente quanto a terceirização fora nos anos 1990 e início dos 2000, ela tem sido realizada em grandes empresas e em setores-chave da economia, conduzindo a importantes transformações nas relações de trabalho; por outro lado, a ‘desterceirização’ denota uma inflexão do processo de terceirização em determinadas empresas e aponta para um processo contraditório em relação às linhas de desenvolvimento e organização do trabalho até então vigentes. [...] A análise da ‘desterceirização’ possibilitará entender a terceirização não como um fenômeno estático, mas dinâmico e mutável (OLIVEIRA; DIAS, 2012, p.03-04).

¹⁰ Siderúrgicas pertencentes ao grupo Queiroz Galvão.

Embora a Suzano tenha estabelecido contrato com a JR Serviços Florestais assim que implementou a unidade industrial em Imperatriz em 2013, o contrato não foi relativo à demanda total de extração do eucalipto. A empresa, buscando primarizar essa atividade, iniciou um processo de formação de recursos humanos, delegando essa função para outra empresa: a TCA - Treinamento Profissional, que fica localizada na cidade de Imperatriz.

Imagem 1 - Cartaz com anúncio da TCA



Fonte: TCA (2015)

Com a representação de uma ideia de equipe e de utilização da tecnologia, a imagem aponta a construção de uma postura proativa que pode ser percebida na frase do anúncio: “Somos como a águia, sempre voando bem alto em busca de nossos objetivos”, que ressalta tanto um plural de trabalhadores, quanto a importância de ter visão e buscar crescimento (voar alto). Essa mensagem também se reproduz nos gestos e na postura dos alunos na Imagem 01, que ressaltam o aspecto da preparação. Buscando mais informações sobre a empresa, verificamos que o próprio *slogan* “Qualificação e especialização, a sua garantia de sucesso profissional”, presente no *site*¹¹ da instituição, também reforça uma ideologia de mercado. Sobre isso, é importante considerar que:

Ao lado das inovações técnico-organizacionais do complexo de reestruturação produtiva, desenvolvem-se inovações sociometabólicas. Estas dizem respeito ao

¹¹ <http://www.tcaflorestal.com.br/treinamentos> acessado em 25 de abril de 2016, às 14h.

cultivo sistemático e intenso de valores-fetiches, expectativas e utopias de mercado, disseminados, em geral, pelo aparato midiático e socioprodutivo do capital (ALVES, 2011, p.121).

Nesse contexto, a empresa de treinamento recebe um perfil de aluno com idade em torno dos 24 anos e Ensino Médio completo. Ao longo de quatro meses de curso de formação, os alunos estudam comandos das máquinas, normas de segurança e controle de qualidade para, depois, receberem o certificado de Operador Florestal. É importante destacar que aqueles considerados os melhores de cada turma já saem empregados na Suzano.

Em vistas desse processo de formação, a Suzano adotou uma organização de trabalho que mescla trabalhadores experientes de outras unidades com esses jovens operadores – tal como fez a JR Serviços Florestais quando chegou à cidade de Açailândia. Dessa forma, diminuiu a terceirização da colheita do eucalipto, deixando para a JR Serviços Florestais apenas uma pequena parte da colheita e o “arraste¹²” da madeira.

2 . COMPOSIÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES: PRECARIZADOS, CAPTURADOS E DESUMANIZADOS PELO PROCESSO SOCIOMETABÓLICO

Nesse processo de terceirização e primarização, foi possível notar duas composições sociais de operadores, distribuídas entre as empresas JR Serviços Florestais, Suzano e Energia Verde, nas quais destacamos os dez casos mais emblemáticos, que representam bem os perfis de trabalhadores relacionados às composições.

Quadro 1 - Amostra de entrevistados

| Nome | Tipo de Máquina e Funções | Empresa | Idade |
|--------------------|---|---------------------|-------|
| Raimundo Sousa | Op. <i>Feller (Corte)</i> | JR Serv. Florestais | 42 |
| Francisco Moura | Op. <i>Garra (Manipulação)</i> | JR Serv. Florestais | 46 |
| Antonio Alves | Op. <i>Skidder (Extração)</i> | JR Serv. Florestais | 39 |
| Carlos Luiz Júnior | Op. <i>Harvester/Feller (Corte, extração, desgalhamento e sortimento)</i> | JR Serv. Florestais | 37 |
| Alessandro Moraes | Op. <i>Harveste (Corte, extração, desgalhamento e sortimento)</i> | Suzano S.A. | 21 |
| Marcos Paulo | Op. <i>FWD (Desgalhamento, corte, extração)</i> | Suzano S.A. | 22 |
| João Gabriel | Op. <i>Harvest /FWD (Corte, extração, desgalhamento e sortimento)</i> | Suzano S.A. | 27 |
| José Mauro | Op. <i>Feller (Corte)</i> | Energia Verde | 45 |
| Joaquim Feitosa | Op. <i>Skidder (Extração)</i> | Energia Verde | 40 |
| José Maria Cardoso | Op. <i>Garra (Manipulação)</i> | Energia Verde | 49 |

Fonte: Elaborado pelos autores (2015)

¹² Quando os trabalhadores falam sobre o “arraste”, referem-se ao deslocamento ou transporte da madeira.

O primeiro listado no Quadro 1 é o senhor Raimundo Souza, natural de Marabá - PA, casado, pai de quatro filhos e residente há mais de 20 anos no município de Açailândia. Ele já trabalhou em fazendas com “roço de juquirá”¹³ e como servente de pedreiro, entre outros serviços braçais. Raimundo Nonato estudou até a antiga 3ª série do Ensino Fundamental e tem oito anos de profissão como operador de uma máquina chamada *Feller-Buncher*, utilizada no corte do eucalipto. Contudo, começou como desgalhador florestal manual, trabalhando na colheita semimecanizada até ocupar o presente cargo na empresa. A situação familiar (com esposa e quatro filhos) e a baixa escolaridade também estão diretamente associadas à inserção precarizada desse agente no contexto laboral. Assim, dentro desse contexto, torna-se importante considerar as próprias palavras do senhor Raimundo Sousa, quando explica a relação com o trabalho e a progressão dentro da empresa:

Nunca tive medo de serviço e nunca fiquei parado mais de um mês. Nem que seja para capinar um quintal, eu quero é serviço. Ia passando na rua, vi aquele monte de gente em frente da firma, resolvi encostar. Era um monte de gente querendo fichar. Entrei na fila e o chefe falou que o serviço era para cara duro [...] Um dia, o chefe perguntou se queria treinar na máquina, perguntou se eu sabia escrever e ler, porque teria que saber escrever os relatórios da máquina. Eu disse que sim e até hoje estou na área, muitos anos, graça a Deus (RAIMUNDO SOUSA, 14/05/2014).

Como é possível perceber, o engajamento do Senhor Raimundo Souza ocorre naquele contexto (descrito anteriormente), no qual a JR Serviços não possuía mão de obra qualificada e passou a inserir os desgalhadores braçais por meio da socialização do conhecimento de operacionalização das máquinas no interior do próprio ambiente de trabalho. Sobre essa forma de qualificação e disposição para o trabalho, é importante ressaltar que na “[...] nova produção capitalista, o que se busca capturar não é apenas o fazer e o saber dos trabalhadores, mas a sua disposição intelectual-afetiva constituída para cooperar com a lógica da valorização” (ALVES, 2011, p. 111). Dessa forma, sentimentos como coragem e a percepção do trabalhador diante das oportunidades laborais são aspectos subjetivos diretamente ligados a um sistema sociometabólico que incorpora o trabalhador à lógica da progressão.

Em situação semelhante, encontramos Francisco Moura, que é natural de Viana-MA, divorciado e pai de três filhos. Sua escolarização foi desenvolvida até a antiga 2ª série do Ensino Fundamental. Suas atividades iniciais foram de operador de motosserra, forneiro e chapeiro. Isso indica que ele inicialmente se inseriu nas carvoarias e, portanto, apresenta as características dos primeiros trabalhadores, que eram mais precarizados,

¹³ Limpeza do campo para a formação de pastos.

semelhantes àqueles que eram conhecidos como “motoqueiros”. Nas atividades com eucalipto, também iniciou como desgalhador florestal e depois foi elevado ao cargo de operador de uma máquina chamada Garra, que manipula a madeira cortada. Ele atua nesse setor há sete anos.

Com esse mesmo perfil, encontramos Antônio Alves, que é natural de Zé Doca, MA, casado e pai de cinco filhos. Sem escolarização, ele já trabalhou em limpezas residenciais, como servente em pequenas construções e em outros trabalhos sem registro na carteira. Antônio Alves possui seis anos de profissão e, assim como os demais, começou como desgalhador florestal até que, posteriormente, obteve uma promoção para Operador de *Skidder*, máquina com que realiza a extração do eucalipto. Uma informação importante sobre o processo de progressão desses trabalhadores é que a transição efetiva de desgalhador para operador poderia durar até três anos, ou seja, o trabalhador poderia trabalhar até dois ou três anos como operador, tendo sua carteira de trabalho ainda assinada com a função de desgalhador.

O último entrevistado da JR Serviços Florestais foi Carlos Luiz Júnior que é natural de Miguel Alves, PI, casado e pai de três filhos. Antes, trabalhou como vaqueiro, na limpeza de mato (roço de juquirá ou juqueiro) e pintor. Sua escolaridade é o Ensino Fundamental completo. Ele possui nove anos de trabalho com eucalipto e duas experiências na carteira: como operador de *Harvester* e operador de *Feller*. Tais máquinas lhe possibilitaram executar todas as funções da colheita: corte; extração; desgalhamento; e sortimento. Trata-se, assim, de um funcionário polivalente e o mais preparado e utilizado para resolver problemas gerados com a falta de funcionários.

Quadro 2 - Mudanças no trabalho

| Antes | Depois | |
|---|-------------|-----------------------------------|
| Roço de Juquirá, servente de pedreiro, limpeza de residências, vaqueiro, pintor | Carvoarias | JR. Serviços |
| | Motosserras | Desgalhador, operador de máquinas |

Fonte: Elaborado pelos autores (2015)

Pertencentes aos primeiros grupos de trabalhadores, eles representam bem o processo inicial de implementação das carvoarias e das empresas do setor florestal. Fazem parte de um conjunto de funcionários cuja maioria era formada de migrantes e progenitores de até cinco filhos, com baixa escolaridade e idade média na faixa dos 40 anos. Trabalhadores que se inseriram no corte de eucalipto, ocupando a função de desgalhador, e se qualificaram no próprio ambiente de trabalho, de acordo com as necessidades dos empresários locais. É importante destacar aqui que o pré-requisito para desempenhar a função de desgalhador florestal consiste em ter resistência física, por conta da árdua

atividade do desgalhamento manual das árvores de eucalipto – realizada pelos iniciantes com o auxílio de machado e com motosserra pelos mais experientes.

Na empresa Energia Verde, por conta do processo de primarização, foi possível observar a aquisição de máquinas novas, fornecidas pela empresa Escava Forte, cuja operacionalização era feita por antigos trabalhadores da JR Serviços Florestais. Operadores como José Mauro, que é natural de Santa Luzia-MA, casado e pai de três filhos, são exemplos de funcionários que representam esse modelo de serviço. José Mauro possui o Ensino Fundamental; já trabalhou como servente, batedor de tora e forneiro; possui nove anos de experiência com a operação da máquina *Feller*; e teve a formação inicial na Jr. Serviços Florestais da mesma forma como aconteceu com os outros apresentados até agora. História e processo de formação semelhante aconteceu também com Joaquim Feitosa, que é natural de Campo Maior-PI, casado e pai de quatro filhos. Sem escolaridade, trabalhou em diversos serviços braçais sem regulamentação e atualmente é operador de *Skidder*, trabalho no qual possui nove anos de experiência. Outro maranhense que seguiu esse caminho foi o operador José Maria Cardoso, que é natural de Barreirinhas-MA, casado e pai de cinco filhos. Estudou até a antiga 5ª série do Ensino Fundamental e já trabalhou como pescador, servente de pedreiro e operador de motosserra. Atualmente, ele contabiliza dez anos de experiência como operador de Garra ou Carregador Florestal.

Já o perfil do trabalhador preponderante na Suzano é diferente do encontrado nas outras empresas, pois nessa companhia predominam trabalhadores jovens, com maior grau de instrução e que não foram absorvidos por outros mercados. No âmbito mais amplo, isso remete à explicação de Antunes (2011) sobre o contexto do desemprego estrutural, que exclui os mais jovens, restando-lhes apenas os empregos inferiores à sua formação.

Imagem 2 - Turma em treinamento



Fonte: Carvalho (2015)

Na Imagem 2, é possível observar uma turma de alunos do Curso TCA que representa bem as características do perfil de trabalhador selecionado pela Suzano. Dessa empresa, conseguimos contato com Alessandro Moraes, que é natural de Açailândia-MA, solteiro e sem filhos. Possui experiência como balconista de farmácia, vendedor e auxiliar de escritório. Completou o Ensino Médio com habilitação em Técnico de Alimentos no Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Sua admissão na empresa ocorreu por meio do curso de formação promovido pela empresa TCA, contratada da Suzano para oferta de formação e seleção dos melhores candidatos. O trabalho dele com o eucalipto deu-se na função de Operador de *Harvester*, que tem desenvolvido por cerca de um ano e meio de operação. Com características semelhantes, temos o João Gabriel, que também é natural de Açailândia-MA, solteiro e sem filhos. Ele possui o Ensino Médio completo com habilitação em técnico em mecânica e já trabalhou como motorista, ajudante de mecânico e vendedor. A inserção dele na Suzano aconteceu por meio do curso preparatório e, atualmente, ele possui um ano e meio operando as máquinas *Harvester* e *Forwarder*.

As características do desemprego estrutural (ANTUNES, 2011) foram fortemente marcantes na trajetória de Marcos Paulo que também é natural de Açailândia-MA e solteiro. Antes de trabalhar na Suzano, ele dividia seu tempo entre o trabalho na empresa da família e os estudos no curso de Sistema de Informação da Faculdade de Imperatriz - Facimp. Em caminho semelhante ao de Alessandro, realizou o curso de formação na área de operação florestal e depois ingressou na empresa por meio de um processo de seleção interno, passando a atuar como operador de *Forwarder*, posição na qual já acumula um ano e meio de experiência. Quando questionado sobre o fato de ter Nível Superior e trabalhar em uma atividade abaixo das suas qualificações e formação, ele relatou:

Inegável que optaria pela carreira na informática, mas foinei, não consegui emprego, distribuí currículos, fui às entrevistas e nada. Minha atividade de formação tem o mercado muito concorrido. Muitas vezes, a empresa já dispõe de um responsável pelo setor de tecnologia da informação, que dá suporte a toda a instituição, sobrecarregando o profissional. Aí, não gera oportunidade. Através de prova, entrei para fazer o curso com bolsa até ser efetivado (MARCOS PAULO, 21/02/2014).

Segundo o relato de experiência do trabalhador, há um grande número de profissionais com nível superior que não é absorvido pelo mercado. De acordo com o sociólogo do trabalho Ricardo Antunes (2011), esse fenômeno do desemprego estrutural ocorre na Europa com jovens com boa formação. No Brasil, isso poderia ser pensado como uma herança do Toyotismo, já que a polivalência resulta na precarização trabalho, gerando uma sobrecarga sobre o trabalhador e impedindo a geração de oportunidades de emprego. No Grupo da Suzano, observamos um tecido social de indivíduos nascidos na cidade de Açailândia, com nível de escolaridade mais aprimorado em relação aos trabalhadores da JR Serviços Florestais e Energia Verde, com domínio das ferramentas

digitais, Internet e tecnologias. Trata-se de um perfil de faixa etária menor, como ilustrado na Imagem 2.

Enfim, analisando os trabalhadores das três empresas, percebemos que há, na verdade, duas composições sociais bem definidas, já que a Energia Verde utilizou os trabalhadores da JR Serviços Florestais. Nessas duas empresas, é possível observar vários mecanismos de desintegração da classe, já que os engajamentos no trabalho estão relacionados a diversos aspectos e percepções de mundo diretamente vinculados às trajetórias individuais, integradas de forma orgânica na lógica do capital (ALVES, 2007). Na primeira composição, formada pelos trabalhadores cujas trajetórias foram marcadas fortemente pelo subemprego e pela precarização, é possível refletir sobre os processos de desintegração social e dos laços. Sobre isso, autores como Rosenfield (2010) e Castel (1998) explicam que contextos marcados pela vulnerabilidade e precarização social dos indivíduos propiciam um processo de desfiliação e individualismo, nocivo às formas associativas e ao conjunto de relações sociais particulares.

Além disso, as equipes provenientes da TCA e destinadas à Suzano S/A podem ser pensadas no contexto de captura da subjetividade propiciada por uma ideologia e por um tipo de sociabilidade neoliberalis que reproduzem valores, expectativas e sonhos de mercado, com a exacerbação do fetichismo da mercadoria que sedimenta os consentimentos dos trabalhadores assalariados às novas metas da produção toyotista. Há, dessa forma, um processo sociometabólico que integra o jovem trabalhador não apenas de forma mecânica, pela venda da força de trabalho, mas por meio da persuasão e da incorporação de uma cultura que extrapola o ambiente de trabalho (ALVES, 2007).

Já as estratégias das empresas de terceirizarem ou primarizarem, utilizando funcionários com conhecimento de operação das máquinas e mesclando duas modalidades de trabalho, podem ser pensadas a partir das mudanças que ocorreram por conta da mundialização do capital. Segundo Antunes e Alves (2004), a classe trabalhadora atual não é idêntica àquela existente em meados do século XX e as dimensões do trabalho atualmente são marcadas pela heterogeneidade, fragmentação e complexificação. Eles notam que, com a reestruturação produtiva do capital, o proletariado estável perdeu lugar para formas mais desregulamentadas de trabalho e houve um aumento de diversas modalidades de trabalho precarizadas, como os terceirizados, os subcontratados e os *part-time*.

Tanto o comportamento empresarial quanto as características dos trabalhadores apontam para aspectos relacionados, tais como a presença ostensiva de um complexo de máquinas informacionais, estratégias das empresas na forma de gerir os diferentes tipos de trabalhadores e uma reestruturação geracional, bastante presente nos operários novos, marcada pela captura da subjetividade (ALVES, 2013).

Nesse sentido, no contexto da implementação de máquinas como a *Harvester*, *Forwarder* e *Feller*, que utilizam tecnologia computacional e executam mais de uma

função, e da incorporação de um conjunto de operadores composto por jovens que possuem domínio das tecnologias computacionais e melhor nível de instrução, é importante ressaltar que:

Os ambientes de trabalho reestruturados são compostos por um sistema de máquinas flexíveis, de natureza informacional, isto é, máquinas inteligentes incorporadas a redes digitais que exigem dos novos operadores habilidades técnico-comportamentais. Por isso, mais do que nunca tornam-se visíveis alterações no perfil educacional dos novos empregados nas grandes empresas da indústria ou serviços. O novo arcabouço tecnológico exige uma força de trabalho compatível com as exigências operacionais do novo maquinário. O discurso da competência implica novas capacidades operativas advindas das novas rotinas do trabalho flexível (ALVES, 2011A, p.5).

Essa citação vai ao encontro do contexto dos trabalhadores da colheita de eucalipto, inclusive porque as próprias máquinas produzem relatórios de produtividade e necessitam de um perfil adaptado às exigências operacionais. É nesse âmbito que entram os valores-fetiches de produtividade, qualidade e competitividade vinculados às lógicas do mercado. A utilização de tecnologia entre esses trabalhadores é também elemento de distinção, pois entre os funcionários da JR Serviços Florestais é possível notar que o trabalhador que opera duas máquinas possui maior prestígio no grupo e também entre os seus superiores.

Os que possuem menor prestígio são os operadores de *Skidder*. Isso porque muitos trabalhadores dizem que os comandos operacionais dessa máquina são relativamente fáceis e porque a máquina possui características similares a de um trator. Por conta disso, os operadores de *Skidder* são chamados de tratoristas, por operarem essas máquinas de *design* rústico. Eles também têm menos prestígio por executarem apenas uma função. Dessa forma, é possível inferir que as relações estabelecidas entre os próprios trabalhadores refletem os valores-fetiches do mercado, de uma forma que a própria identidade deles é construída em relação à lógica da empresa. Além disso, a situação evidencia “[...] a intensificação dos mecanismos sistêmicos voltados para a manipulação da subjetividade do trabalho e a sua ‘captura’ pelos dispositivos ideológico-organizacionais do capital” (ALVES, 2007, p.185).

Em relação às diferentes formas de trabalho (flexibilizados e precarizados) e à heterogeneidade de trabalhadores (terceirizados da JR Serviços Florestais, admitidos na Energia Verde, treinados e contratados pela Suzano; mais experientes e sem experiência), concluímos que elas caracterizaram uma situação que possibilita aos empresários obter vantagens como: redução dos custos com qualificação de operários; e economia com a quebra de contratos com terceirizadas – e, em outras situações, com a própria terceirização de funcionários.

E, por fim, é importante compreender que o “[...] processo de reestruturação produtiva não é apenas um processo de inovação tecnológico-organizacional, mas também um processo de reestruturação geracional dos coletivos de trabalho nas empresas” (ALVES, 2011, p.6). Por essa perspectiva, observamos, nas duas composições, um diferencial nas faixas etárias, posturas e tempo de experiência profissional. Sobre as relações geracionais no âmbito do trabalho de colheita de eucalipto, vale conferir o trecho retirado do caderno de campo de um dos autores deste artigo:

Na hora do almoço, nas barracas, os grupos de operadores da JR falavam de contas e despesas domésticas e escolares, entre outros assuntos de responsabilidades de chefe de família. Ouviam músicas antigas, nos celulares, os quais eram utilizados com dificuldade por eles. Em oposição, na mesma mesa, sentava o grupo da Suzano, composto por jovens com aproximadamente 20 anos de idade, chateados por terem que trabalhar no final de semana e estarem perdendo as festas. Estes ouviam músicas atuais e mexiam em seus *tablets*, *notebooks* e *iPods* (ADRIANO CARVALHO, 2013).

Esses grupos sinalizam diferentes gerações e formações profissionais: um grupo formado no calor da atividade com pouca teoria em oposição a outro grupo formado por uma empresa (Suzano) que dispunha até de simuladores de máquinas equipados com *joysticks*. O grupo da JR criticava o outro grupo pelo fato de se tornarem operadores muito rápido, já que, nas suas experiências, levaram anos para adquirir o ofício, enquanto os novatos, com quatro meses, já eram operadores em máquinas novas na outra empresa. Na JR, os funcionários trabalhavam em maquinários ruins, sujeitos à punição se as máquinas quebrassem e ocasionassem a paralisação da produção, já na Suzano as condições eram melhores. Enfim, observamos diferentes realidades e processos de formação dos ofícios, embora pertençam à mesma categoria de trabalhadores.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Inserida na cadeia produtiva do aço, a produção de eucalipto serviu primeiramente para a produção de carvão vegetal e posteriormente foi atrelada também à fabricação de celulose. Esse processo ocorreu por meio de uma série de mudanças e reestruturações que envolveram um conjunto de empresas e diferentes formas de trabalho, aperfeiçoadas de diferentes maneiras, ao longo do tempo.

No contexto estratégico de terceirização e destercerização, as novas organizações e composições heterogêneas de quadro de trabalhadores foram fundamentais para a reprodução do capital, pois, desde os desganhadores manuais até os operadores mais experientes que socializavam o conhecimento laboral com os mais novos, foram muitos Josés, Franciscos, Antônio e Alessandros os capturados, não só enquanto força de trabalho espoliada, mas também enquanto intelecto apropriado pelo empresariado local. Mais

que perceber a predominância de tecnologias avançadas, as empresas combinaram várias modalidades e perfis de trabalhadores, demonstrando que a relação entre o moderno e o arcaico, ou entre o novo e o velho, e outras oposições são recursos interessantes quando incorporados à lógica produtiva da empresa.

Nesse sentido, independentemente das características das composições sociais aqui explicitadas, o processo de captura ocorreu estimulado tanto por uma situação de precarização, quanto pela disseminação de uma ideologia de mercado que reproduz socialmente um conjunto de noções hierarquizantes e relacionadas às ideias de competitividade, qualidade, produtividade, sucesso e tantas outras que consolidam o ideal neoliberal no cotidiano do trabalhador.

Os diferentes engajamentos individuais evidenciaram outras dimensões perversas resultantes da reestruturação produtiva, mas especificamente aquela na qual o trabalhador está inserido em uma teia de manipulação que perpassa não apenas a apropriação do trabalho na operacionalização das máquinas, mas também as relações sociais em outros locais e em outros espaços de reprodução social. Enfim, todos os aspectos evidenciados no decorrer da pesquisa apontam que o processo de captura pode ser considerado importante para problematizarmos variáveis como o tempo e espaço do trabalho, já que por meio da apreensão subjetiva é possível transpor as dimensões dos espaços e tempos e refletir sobre diferentes estratégias de difusão de um pensamento de mercado e da ideologia neoliberal.

PEREIRA, Jesus Marmanilho; COSTA CARVALHO, Adriano da. Chainsaws and machines in the pre-amazonian Maranhão: the productive restructuring and the workers of the cut of the eucalyptus. *ORG & DEMO* (Marília), v. 19, n. 1, p. 113-130, Jan./Jun., 2018.

ABSTRACT: The objective of this paper is to analyze the process of capturing the subjectivity of the workers involved in the harvesting of this plant in the Southwest of Maranhão. In order to do so, we will present the breeding strategies adopted by the main companies in the field of planting and cutting of eucalyptus and two social compositions of workers from which are analyzed some trajectories and the forms of training and personal engagement in the harvest work of eucalyptus. Finally, from this clipping, this text problematizes the process of "capture" as something that extrapolates the space of the operationalization of the machines and is manifested in the relations present in other social domains.

KEYWORDS: eucalyptus, productive restructuring, fetish values, capture of subjectivity.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 25, n. 87, mai./ago., p. 335-351, 2004

ASSIS, W. S.; CARNEIRO, M. S. O uso do carvão vegetal como fonte de energia para o parque siderúrgico de Carajás: controvérsias ambientais, sociais e econômicas. In: ALVES, G. *Dimensões da reestruturação produtiva*. Ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2007.

_____. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal: precarização do trabalho e redundância salarial. *Katálysis* [online]. v. 12, n. 2, 2009.

_____. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo. 2011.

_____. Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório - O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha. *Estudos do Trabalho*. Ano V, n. 8, 2011a

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro. Vozes, 1998

EVANGELISTA, L. N. *A cidade da fumaça: a constituição do grupo operário do bairro do Pequiá no município de Açailândia/MA*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

MALINA, L. L. *A territorialização do monopólio no setor celulístico-papeleiro: a atuação da Veracel Celulose no Extremo Sul da Bahia*. Salvador. 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-18022014-152910/pt-> Acesso em 29/03/2016.

OLIVEIRA, R. G.; DIAS, S. O. M. Novas e velhas práticas no mundo do trabalho: desterritorialização e flexibilização das relações de trabalho. *Revista Pós Ciências Sociais*. São Luís, v.9, n.18, jul./dez., 2012.

RAMALHO, J. R.; CARNEIRO, M. S. (Orgs.). *Ações coletivas em complexos minero-metalúrgicos: experiências na Amazônia e no Sudeste brasileiro*. São Luís: EDUFMA, 2015. v. 1, p. 71-104.

ROSENFELD, C. L. Apresentação. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 14-31, 2010.

Submetido em: 23/06/2017

Aceito em: 04/05/2018

